



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Branquinho da Fonseca

Para citar este documento / To cite this document:

"Branquinho da Fonseca", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 185.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

do inebriamento, sendo o vinho o combustível da acção e o principal agente do «desregramento dos sentidos» conducente ao momento final de poesia. Durante e depois do jantar, as personagens vão-se embriagando num crescendo que se prolonga por cerca de vinte páginas. Cada uma começa por tirar a máscara e fazer a sua confissão: o Barão escancara a sua animalidade e amoralidade («Sou um animal, uma pura besta»³⁴), facetas que, por contraste, realçam a ideia, também grata à *Presença*, de que a poesia nasce às vezes do mais fundo do lodo; o narrador, por sua vez, tira do poço escuro da memória uma «melancólica história de amor», nunca antes revelada.

Entre o início do jantar e o festejo orgiástico — que culmina com a actuação da Tuna e com o momento da purificação, quando, no auge da bebedeira, o Barão verte um garrafão de vinho branco sobre si mesmo —, o ritmo da cena dionisíaca é bem a medida da mestria na narração. De facto, esta última é escandida por uma série de referências ao álcool, espécie de estribilho a aumentar a intensidade da cena e a sublinhar a latência de uma acção que o leitor não sabe ainda qual é. Sucedendo-se a espaços — «bebeu um pequeno golo, começando de súbito a falar com entusiasmo»; «ia beberricando sempre»; «Mais um golo. Poisava o copo e continuava»; «Devia ter já bebido muito, mas não estava embriagado, mantinha-se apenas sob pressão, como se diz de um navio de guerra»; «Depois, com um gesto solene, atirou o copo ao chão e fitou-me, silencioso»; «A Tuna sempre tocando e nós a andar de roda, com a cabeça a andar de roda, do vinho e da música. Mas, por fim, ele caiu a arfar, para um canto, como um monstro ferido» —, essas notações sustentam a progressão simbólica da cena numa tensão que, sem nunca afrouxar, culmina no delírio místico que leva o Barão até ao palácio da bem-amada.

Outro aspecto importante da celebração é o silêncio que envolve as personagens quando iniciam a caminhada em direcção ao palácio da Bela-Adormecida. O mutismo dos dois caminhantes, o «longo silêncio de profunda comunhão»³⁵ a que se remetem durante a marcha na noite sugere essoutro silêncio que precede o verbo poético, a latência do poema em gestação. Por fim, a deposição da rosa branca, símbolo de pureza, na janela da amada é a consumação do instante poético, do acto de beleza maturado ao longo da história, e que, de tão intenso, esgota e aniquila quem o experimentou. Daí a antífrase irónica do final, que, deixando a história em aberto, na realidade sublinha o carácter irrepitível da aventura poética:

Sim, Barão!... Hei-de voltar, um dia. E havemos de tornar a perder-nos pelos caminhos sombrios do nosso sonho e da nossa loucura; e mais uma vez havemos de cantar às estrelas, e dar a vida para ires depor outro botão de rosa lá na alta janela da tua Bela-Adormecida!...³⁶



COIMBRA, 1928